

Rocha, Clara, A caneta que escreve e a que prescreve. Doença e medicina na literatura portuguesa

Lisboa, Verbo, 2012, 377 pp.

Adelino Cardoso



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2124>

DOI: 10.4000/cultura.2124

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 2 dezembro 2013

Paginação: 343-347

ISSN: 0870-4546

Reférence eletrónica

Adelino Cardoso, « Rocha, Clara, A caneta que escreve e a que prescreve. Doença e medicina na literatura portuguesa », *Cultura* [Online], Vol. 32 | 2013, posto online no dia 18 maio 2015, consultado a 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2124> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2124>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Rocha, Clara, A caneta que escreve e a que prescreve. Doença e medicina na literatura portuguesa

Lisboa, Verbo, 2012, 377 pp.

Adelino Cardoso

REFERÊNCIA

Clara Rocha, *A caneta que escreve e a que prescreve. Doença e medicina na literatura portuguesa*, Lisboa, Verbo, 2012, 377 pp.

- ¹ *A caneta que escreve e a que prescreve* é uma obra única no panorama da produção literária nacional e que representa um contributo notável para o desenvolvimento de uma promissora área de estudos no espaço lusófono: a *medicina narrativa*, que visa a aproximação entre a medicina e as humanidades, com implicações directas na prática clínica.
- ² A vasta antologia, que não é nem pretende ser exaustiva, abre com um prefácio de Rui Vilar, que constitui uma reflexão fina e bem documentada sobre a génese desta obra, sobre a pluralidade de sentidos da doença (física, psíquica, individual, colectiva, real ou metafórica) e sobre a forte presença da medicina na literatura portuguesa: “[...] raros são os autores que compõem o cânone literário português em cuja obra não encontremos textos, passagens de textos ou simples referências a temas médicos” (p. 13). Clara Rocha e Teresa Jorge Ferreira, que colaborou na organização do volume, realçam o vínculo entre “a representação da doença” e “a produção literária” (p. 15).
- ³ Ao longo de 365 páginas, alinham-se 129 autores segundo uma ordem cronológica, abrindo com Pedro Hispano e fechando com José Luís Peixoto. Os dois excertos seleccionados de Pedro Hispano são de uma grande beleza literária e focam duas doenças reconhecidas ao longo de toda a história da medicina (olhos e coração). Apesar dos equívocos e porventura logros que envolvem a atribuição de *A Medicina dos Pobres* a

Pedro Julião, Papa João XXI, a cujo respeito José Meirinhos é fortemente convincente,¹ a inserção destes excertos justifica-se pela inscrição de Pedro Hispano, enquanto putativo médico e autor de obra médica, na cultura portuguesa. O texto final, de José Luís Peixoto, assume a finitude radical inerente à condição humana, tão cruamente expressa pela morte, que suscita uma atitude ambivalente: medo e desejo ao mesmo tempo. A pulsão de morte, que se insinua em diferentes textos da antologia, habita o corpo do poema: “(...) agora, escolho entre a terra, sob as árvores, um lugar bonito, simples, para morrer”.

- 4 A relativa escassez de médicos-escritores, nove num universo de cento e vinte e nove, sendo que um deles, Manuel Laranjeira, assume o discurso do doente e não do médico, não constitui propriamente um problema numa obra que tão exemplarmente evidencia a escrita como modo de acolhimento da dor, nas múltiplas formas com que afecta a existência humana. De facto, a riqueza deste livro reside em larga medida na grande variedade de registos: conselhos médicos, elogio de figuras médicas (João Semana no texto de Júlio Dinis; Magalhães Coutinho no texto de Bulhão Pato, Francisco Sanches no texto de Jorge Sena), reflexão sobre a doença e seu significado, narrativa da experiência subjectiva da dor, doença, sofrimento, crítica/sátira do médico e sua função, situações específicas da prática hospitalar ou ainda a função curativa da escrita (um outro tipo de caneta, exercida por Antero de Quental e Cesário Verde).
- 5 Os textos medievais, da autoria de Afonso Eanes do Cotom, Fernão Lopes e D. Duarte, cada um à sua maneira, são exemplares. Em tom irónico, Cotom faz o retrato do médico letrado, mas inapto para bem cuidar e tratar “as gentes”.
- 6 O texto de Fernão Lopes, no estilo peculiar do autor, que simultaneamente descreve acontecimentos e situações e pinta as paixões e virtudes da alma humana, apresenta o fenómeno da peste nas hostes do invasor castelhano por ocasião do cerco de Lisboa, como se essa guerra fosse a réplica de uma outra, misteriosa, mas absolutamente certa, conduzida pela justiça divina, que quis por meio da peste assinalar bons e maus: a mão invisível do Altíssimo fez uma separação clara entre vulneráveis ao contágio da peste e imunes. Encontramos aqui um selo da eleição divina de Portugal e do seu povo, em contraste com os seus inimigos, ostensivamente castigados: “E era gram maravilha per juizo a nós nom conhecido, que em fervor de tamanha pestelença, neuñ dos fidalgos portugueses que i andavom nem prisioneiros, ou doutra qualquer guisa, que neuñ nom morria de trama nem era tocado de tal door” (p. 26). Da cidade passamos com D. Duarte ao espaço íntimo da doença mental na forma mais típica do seu tempo: a afecção melancólica. O texto do nosso Rei-Filósofo vale pela descrição e pelo modo da cura, em que a compaixão, no sentido forte de sentir a dor do outro, joga um papel importante: “E estando em tal estado, a mui virtuosa Rainha, minha senhora e madre que Deos haja, de pestelencia se finou, do que eu filhei assi gran sentimento que perdi todo receo: a ela, em sa infirmitade, sempre me cheguei e a servi, sem alguñ empacho, como se tal door nom sentisse. E aquesto foi começo de minha cura, porque sentindo ela, leixei de sentir a mim” (p. 30).
- 7 A narrativa na primeira pessoa, inaugurada por D. Duarte, na qual se inscrevem os textos de Antero de Quental, Ângelo de Lima, Manuel Laranjeira, José Régio, Mário Dionísio, José Cardoso Pires, Maria Gabriela Llansol, Fernando Assis Pacheco e Marcello Duarte Mathias, alcança uma intensidade afectiva muito comovente. A carta de Manuel Laranjeira a Unamuno é um dos textos mais marcantes desta Antologia, no qual se faz o diagnóstico do trágico contágio suicidário de um povo em estado de morte antecipada:

“tenho a impressão intolerável e louca de que em Portugal todos trazemos os olhos vestidos de luto por nós mesmos” (p. 152).

- 8 Saúde e doença são fenómenos humanos totais, que afectam a percepção de si, a relação com o outro e a tonalidade do mundo envolvente, como bem diz Álvaro de Campos: “Tenho uma grande constipação, / E toda a gente sabe como as grandes constipações / Alteram todo o sistema do universo” (p. 165). Mas é no corpo que, mais comumente, sentimos o mal da doença. Em diferentes registos, a antologia apresenta-nos descrições impressionantes do estado de degradação do corpo. Veja-se o estilo realista com que Camões, em várias estrofes de *Os Lusíadas*, pinta o quadro da “doença crua e feia” por força da qual a carne “Apodrecia com fétido e bruto cheiro” (p. 59). António Nobre lança um olhar atento sobre a morte anunciada da “pobre tísica” e sofrimento da mãe: “Ó pobre Mãe, que tanto a amas, / Cautela!” (p. 142). Raul Brandão faz o retrato de Guerra Junqueiro, “reduzido a pele, osso e espírito” (138). Mário Cláudio descreve o estado agonizante de Amadeo de Sousa Cardoso: “Amadeo flutuava entre o pavor e a vontade que, na iminência da cessação de suas faculdades, ia também ela capitulando um pouco” (315). Com melancólica lucidez, Teixeira de Pascoaes fala do envelhecimento como o Outono da vida, uma doença “da minha alma que desfalece” (p. 154). Herberto Helder fala da perturbação íntima causada por doença estigmatizante.
- 9 A doença fragiliza e apela ao cuidado, que é uma dimensão do acto médico, mas envolve igualmente a comunidade sob formas diversas: familiares, próximos ou voluntários. Vitorino Nemésio, Branquinho da Fonseca e Luísa Dacosta descrevem figuras de cuidadores. Alberto Pimenta faz o retrato impiedoso do reverso do cuidador na figura do filho-da-puta que vive da desgraça alheia: “Nada atrai mais o filho-da-puta, nada o consola tanto como o relato da doença ou da crise que assola os outros” (p. 293).
- 10 A relação médico-doente inspira uma reflexão densa de Teolinda Gersão, sobre a potência da linguagem e a dificuldade da escuta. O discurso tecnicista no qual tantas vezes o médico se refugia é objecto da crítica de Gonçalo M. Tavares e de Maria Judite de Carvalho, que evidencia a fragilidade agravada (“encontrei-me de caras com a morte”) do doente após lhe ser comunicada “uma verdade pomposa, carregada de palavras difíceis, muito técnicas” (p. 239).
- 11 A crítica do médico incompetente e, mais radicalmente, da inutilidade da própria arte médica é um tópico recorrente, que alimenta o verbo de Gil Vicente, Bocage, Eça de Queiroz, Nuno Bragança e Bernardo Santareno, que encena com grande acutilância o contraste entre a linguagem esotérica e a ineficácia terapêutica. Por seu lado, o elogio de figuras médicas exemplares é empreendido por Júlio Dinis, que enaltece o proverbial João Semana, Bulhão Pato, que evoca Magalhães Coutinho, e Jorge de Sena, que homenageia Francisco Sanches.
- 12 O hospital tornou-se uma instituição basilar de saúde, havendo a registar um número significativo de autores cujo texto versa a realidade hospitalar: Sophia de Mello Breyner Andresen evoca o hospital como o lugar de uma “dor absurda e desmedida”; Ruben A. relata a experiência de atendimento nas urgências de um hospital, de um modo distanciado e indiferente; A. M. Pires Cabral descreve uma cena degradante na urgência hospitalar; Maria Velho da Costa denuncia a objectivação da “Doida” no hospital; Mário Sá-Carneiro apresenta o quarto do hospital como lugar de desconfortável isolamento; Maria Ondina Braga aponta o quotidiano triste de uma doente internada desde a infância numa leprosaria. Hospitalidade significa acolhimento do outro e, efectivamente, estar no hospital é não estar em casa, como bem referem Sebastião da

- Gama e David Morão-Ferreira, o primeiro evocando o conforto da visita ao doente internado no hospital e o segundo, o calor interior da consoada em casa quando se está hospitalizado. Irene Lisboa evoca o lento voltar a si e à comunicação da parte da paciente operada; Manuel António Pina reflecte sobre o internamento, experiência de si e do outro; José Agostinho Baptista e Adília Lopes descrevem o estado de abandono e de impotência na enfermaria: “agora jazo / incompleta” (p. 356). Do lado médico, António Lobo Antunes aponta a dificuldade de bem exercer ao nível profissional e humano a psiquiatria no espaço da urgência hospitalar e interroga-se sobre “como resistir de dentro, quase sem ajuda, à inércia ineficaz e mole da psiquiatria institucional” (p321).
- 13 O significado da doença, física ou psíquica, é abordado em tons diversos por Camilo Pessanha, Bernardo Soares, Virgílio Ferreira, Agustina Bessa Luís, Mário Henrique Leiria, João de Melo, J. Sousa Braga e Al Berto, que vê na sida um “corpo a encher-se de mágoa”.
 - 14 Vários outros tópicos são abordados nesta antologia: saúde pública (Camilo Castelo Branco), erro médico (Almeida Faria), medicina moderna *versus* medicina popular (Aquilino Ribeiro, Manuel da Fonseca, João Aguiar), a motivação do jovem médico na escolha da sua profissão (Augusto Abelaira).
 - 15 No que respeita ao exercício da arte, o texto de Fernando Namora é particularmente relevante. O médico-escritor narra a prova de fogo a que se viu submetido pelo “povo granítico” de Monsanto, que o recebeu com indisfarçável hostilidade, mas cuja confiança Namora ganhou ao mostrar o seu próprio valor num parto difícil, que “a comadre” não conseguiu levar a bom termo. Num outro plano, merece destaque a reflexão e o testemunho de Miguel Torga relativamente à intimidade entre medicina e literatura: “A caneta que escreve e a que prescreve revezam-se harmoniosamente na mesma mão” (p. 201).
 - 16 A escrita tem uma função terapêutica, bem patente no texto de Cesário Verde, que, no final de um poema no qual exprime a dor de viver da “pobre engomadeira”, “tísica”, “Pobre esqueleto branco entre as nevasdas roupas!”, num tom ambivalente entre o distante e o compassivo, remata: “estou melhor” (p. 122). Saúl Dias assume a alegria do poeta doente, que persiste em escrever; Marcelo D. Mathias refere o significado da companhia do seu diário na doença; Vasco Graça Moura atribui à arte poética a função de acolher o coração doente: a arte do poeta existe para que “alguém” “faça do interior do poema a sua casa” (p. 318).
 - 17 O médico-poeta João Luís Guimarães introduz a leitura, que completa o acto de escrita, na sala de operações, pela voz da paciente, assumindo o lado subversivo do gesto e, num tom irónico, aguardando punição: “ser chamado à direcção” ou “a expulsão” (p. 361). Possa, de facto, a literatura contribuir para a subversão da prática médica, no domínio da relação e dos valores!

NOTAS

1. Meirinhos, José, *Bibliotheca Manuscripta Petri Hispani. Os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano*. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2011, pp. XXIV-XXVII.

AUTORES

ADELINO CARDOSO

Centro de História da Cultura, FCSH, Universidade Nova de Lisboa